

EM TEMPOS DE PANDEMIA VENDER LENÇOS É MAIS VANTAJOSO DO QUE CHORAR: EVIDÊNCIAS NOS SETORES DE CONSUMO NÃO-CÍCLICOS E DE SAÚDE, NO BRASIL

RODRIGO ANDRADE DE CASTRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

MATHEUS GALDINO MARCHIORIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

MARINA DE MORAIS BELLO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

DONIZETE REINA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

Agradecimento à órgão de fomento:

Um agradecimento bem acalorado para essa iniciativa, estamos felizes em participar e parabenizamos pela organização do evento.

EM TEMPOS DE PANDEMIA VENDER LENÇOS É MAIS VANTAJOSO DO QUE CHORAR: EVIDÊNCIAS NOS SETORES DE CONSUMO NÃO-CÍCLICOS E DE SAÚDE, NO BRASIL

INTRODUÇÃO

No final de 2019, o mundo encontrava-se na iminência de um acontecimento que marcaria sua história. Em dezembro do referido ano, na cidade de Wuhan, China, foi identificado o primeiro caso de Covid-19, uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2 ou SARS-CoV-2), que causou um alerta de pandemia em escala global. Atualmente, a Covid-19 é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma das pandemias com o maior índice de mortalidade da história, chegando aproximadamente a 6 milhões e meio de óbitos.

Entre os desdobramentos causados pelo coronavírus, esteve a necessidade humana de reestruturar o seu estilo de vida – desde a esfera social, com medidas de distanciamento, até o âmbito profissional, atingindo pequenas e grandes empresas do mercado. Durante o período da pandemia, em razão da grande incerteza acerca de como o mercado se estruturaria nessas condições, constantes projeções político-econômicas foram elaboradas acerca dos futuros meses ou anos. Conforme Assaf Neto (2012), na linguagem econômica, um risco sistemático é definido como aquele que afeta toda a economia, independentemente do setor, e que dificilmente pode ser evitado. Nesse sentido, o estudo de Avelar *et al.* (2020) identificou uma significativa redução na rentabilidade e um aumento no nível de endividamento nas empresas de capital aberto no período da pandemia.

Uma das características do setor de mercado não-cíclico é a demanda, que tende a ser constante. Trata-se de um ramo menos inclinado aos reflexos de alta e baixa na economia. Nesse sentido, o estudo de Dortas (2021) apresentou evidências de um aumento significativo dos consumidores que aderiram ao método de compras de forma remota nos supermercados de Curitiba-PR e que, conseqüentemente, promoveram o empreendimento local. Por tratar-se de uma pandemia, é esperado que, devido ao grande desígnio de produtos e serviços hospitalares, as entidades do ramo enfrentem um mercado reprojetoado com as novas circunstâncias globais. Para tanto, Pereira *et al.* (2021) descreveram a rentabilidade das internações para tratamento clínico de usuários diagnosticados com Covid-19 no Sistema Único de Saúde (SUS) entre fevereiro e dezembro de 2020. O gasto total foi superior a 2,2 bilhões de reais, sendo 85% destinados a serviços hospitalares e 15% a serviços profissionais.

Este estudo busca responder a seguinte questão: como os índices econômicos e financeiros das empresas do setor de consumo não cíclicos e das empresas do setor de saúde, no Brasil foram afetados pelo abalo da pandemia de Covid-19? Assim, para responder a tal questionamento, o presente estudo tem como objetivo analisar os efeitos provocados nos indicadores econômicos e financeiros das empresas pertencentes aos setores de consumo não-cíclicos e de saúde no Brasil. Com essa finalidade, apurou-se o comportamento dos indicadores econômicos e financeiros no período entre 2018 e 2021 das empresas de consumo não-cíclicos e das empresas do segmento de saúde listadas na [B]³.

A presente pesquisa contribui ao apresentar evidências acerca das empresas dos setores de consumo não-cíclicos e de saúde listadas na [B]³, por meio da análise dos indicadores econômicos e financeiros. Pode-se ter como contribuição prática, o auxílio aos usuários interessados nessas informações a fim de compreender como esses setores se comportaram durante esse período, podendo assim tomar melhores decisões acerca de seus interesses. Como contribuição teórica se tem uma maior quantidade de dados sobre os setores, ficando disponível para pesquisas futuras como base de dados.

Por fim, a pesquisa justifica-se pela relevância da análise de demonstrações contábeis

para tomada de decisão por parte dos usuários que são investidores na [B]³, visto que em um momento de crise econômica, as oscilações no mercado de ações estão maiores com operações sujeitas à maiores riscos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No final de 2019, observou-se a contaminação rápida e em massa pela Covid-19, o que afetou diretamente a economia mundial e configurou uma das crises mais agudas para empresas e trabalhadores nos últimos tempos (SASAKI *et al.*, 2020). Dessa forma, os governos mundiais foram obrigados a inserir medidas governamentais a fim de conter a proliferação do vírus e evitar a sobrecarga dos sistemas de saúde. Entre essas medidas, foram utilizadas majoritariamente o isolamento social, por meio da quarentena da população, e o fechamento das fronteiras entre países. Consequentemente, formou-se uma grande paralisação das atividades comerciais e industriais, assim como de serviços. A Organização Mundial do Comércio (OMC, 2020) estimou a redução do comércio internacional entre 13 e 32%.

Em contexto pandêmico, é de se esperar uma grande demanda do serviço de saúde pública. Contudo, em meio a proporção tomada pelo coronavírus, as preocupações se expandiram para intensas e profundas crises socioeconômicas e políticas nos países infectados. Dentre os desdobramentos causados pela Covid-19, esteve a redução de 4,3% do PIB Mundial, o aumento da taxa de pobreza de 8,2% em 2019 para 8,8% em 2020, o que significa uma média em torno de 130 milhões de pessoas que passaram a viver na linha da pobreza extrema nesse período (UNCTAD, 2020). Dessa forma, o coronavírus pode ser considerado como um agente de deficiência no avanço econômico, político e social dos países afetados (CHAKRABORTY; MAITY, 2020).

No contexto brasileiro, a pandemia foi um forte agente econômico e político. Os setores mais afetados negativamente foram: o transporte aéreo, o turismo e o automotivo (Brasil, 2020). Além disso, houve um considerável aumento da dívida pública em 12% comparado com 2019, sendo o maior nível desde 2009 (FMI, 2020). Isso se deve ao fato de que a Covid-19 impactou consideravelmente as atividades econômicas, devastando as cadeias de suprimentos globais (QUEIROZ *et al.*, 2022).

Apesar das adversidades provocadas pela pandemia, alguns setores mantiveram uma reestruturação de seus mercados com surgimento de grandes demandas devido ao contexto provocado, como por exemplo as empresas de saúde. Pereira *et al.* (2021) evidenciaram um gasto total superior a 2,2 bilhões de reais no Sistema Único de Saúde (SUS) para tratamento decorrente de internações de pacientes diagnosticados com a Covid-19. Além disso, em 2021 as companhias de saúde listadas na B3 puderam contar com o impulso da pandemia e movimentaram aproximadamente R\$18 bilhões em fusões e aquisições (FORBES, 2021).

Outro setor que atrai a atenção mesmo em cenários de recessão econômica é o de consumo não cíclico – isso porque os setores não cíclicos não são tão expostos a flutuações econômicas. Eles são compostos por empresas que produzem bens inelásticos, como bens e serviços associados a saúde, energia elétrica, telefonia fixa, gás, água e saneamento, por exemplo. Dessa forma, tendem a não sofrer com alterações em função de modificações na renda (PEARCE; MICHAEL, 2006).

Um fator que interfere nos resultados das empresas é quando se decide realizar uma oferta pública inicial (IPO, do inglês *initial public offering*), uma vez que esse processo reduz o custo de capital de terceiros das empresas (PALMIERI; AMBROZINI, 2016). Além disso, também existe diferença entre como as empresas agem no antes e pós IPO: no momento que antecede tal processo, é comum que as empresas gastem mais dinheiro para pagar seus passivos e, assim, demonstram força para crescimento; no pós IPO, as empresas tendem a gastar o que foi captado para conseguir aumentar seus negócios, visando alcançar aquisições e fusões para expandir o

tamanho da empresa no mercado. Tudo isso impacta o desempenho operacional (SANTOS, 2022), assim os indicadores econômicos e financeiros desempenham um papel de extrema importância para analisar as empresas em diversas situações.

Os indicadores econômicos e financeiros são importantes no processo de gerenciamento de uma empresa. É por meio deles que se pode ter um maior entendimento das demonstrações contábeis, obtendo a real situação da empresa e demonstrando os lados operacionais, financeiros, econômicos e patrimoniais (PADOVEZE, 2008). Por conta disso, os resultados obtidos desses indicadores servem como base para se entender a evolução do patrimônio ao longo do tempo e uma tendência para os períodos seguintes (REGERT, 2018). A análise econômica e financeira pode ser feita através dos indicadores de liquidez, endividamento e rentabilidade. Os indicadores de liquidez dizem respeito à capacidade de pagamento da empresa, mostrando se a mesma possui o que é necessário para cobrir seus compromissos a curto e longo prazo (SANTOS, 2022). Para fazer esse cálculo, os dados são extraídos do balanço patrimonial e atendem a usuários internos e externos, também conhecidos como *stakeholders*. Sua principal função, para o usuário externo, é demonstrar os riscos na concessão de empréstimo para a empresa (ZDANOWICZ, 2012). Os indicadores são: liquidez corrente, liquidez seca, liquidez imediata e liquidez geral.

Os indicadores de endividamento mostram o nível de endividamento de uma empresa e por meio de sua interpretação é possível analisar a proporcionalidade do financiamento desse endividamento, se é feito com capital de terceiros ou com capital próprio (SANTOS, 2022). Esses índices ao serem analisados indicam a saúde financeira, influenciando na possível captação de recursos vindo de investidores. Os principais indicadores são: composição do endividamento e endividamento.

Os indicadores de rentabilidade procuram demonstrar como os resultados da empresa se comportaram em determinado período, sendo possível avaliar se a empresa é rentável ou não (REGERT, 2018). Para a obtenção desses indicadores é necessário relacionar o lucro com algum outro valor para demonstrar a dimensão relativa do mesmo e, só assim, ser possível a análise de quão bom está o período analisado da empresa (IUDÍCIBUS, 2017). Os indicadores são: retorno sobre investimento (ROI), giro do ativo, retorno sobre patrimônio líquido (ROE) e margem líquida.

Uma crise econômica influencia diretamente na capacidade de uma entidade gerar lucros, uma vez que se leva em consideração o declínio do poder de compra dos consumidores, reduzindo a demanda as entidades por produtos e serviços (DEVI *et al.*, 2020). Na proporção da Covid-19, é notável que a crise mundial afetou diretamente a balança comercial em todo o mundo. Com tamanha influência, alguns setores mantiveram seus negócios prejudicados e outros foram impulsionadas com a nova circunstância de mercado formada. A pandemia inegavelmente trouxe uma alta demanda por recursos hospitalares mediante a uma crise de saúde pública. Quanto ao setor não cíclico, pelo fato de ser um ramo com menor oscilação de mercado, ele se manteve estável mesmo com a crise econômica. Dessa forma, com a oferta e demanda afetada pela pandemia, os referidos setores, pode se observar condições favoráveis para o exercício comercial.

Estudos anteriores

Schneider *et al.* (2020) analisaram o alcance da pandemia nos setores da agricultura e do agronegócio, considerando os seus impactos sobre a agricultura familiar, o setor de processamento de carnes e a distribuição de alimentos. A partir do estudo, foi possível apontar que a pandemia poderá ter efeitos benéficos e aumentar a oferta da produção e a inserção

internacional do agronegócio do Brasil. A análise também indicou a problemática de uma possível falta de oferta do mercado interno em contrapartida com uma grande demanda – contraste esse que está relacionado com a inflação nos preços dos produtos e, consequentemente, que proporciona um estímulo à exportação.

Silva (2020) utilizou o modelo Markov Switching Autorregressivo de dois estados desenvolvido por Hamilton (1989) a fim de identificar mudanças nos regimes na média e variância dos retornos do Ibovespa, entre janeiro e maio de 2020. O estudo evidenciou que os resultados do modelo MS(2) -AR(1) detectaram o momento das mudanças de regimes dos retornos: a eleição presidencial, as crises financeiras de 2008 e a pandemia do Covid-19.

Avelar *et al.* (2020) investigaram os efeitos da pandemia na sustentabilidade econômico-financeira, bem como as medidas adotadas de mitigação dos efeitos negativos das empresas brasileiras de capital aberto. O estudo apresentou um efeito relevante na sustentabilidade econômica-financeira das empresas de capital aberto. Houve, ainda, uma redução na rentabilidade e um aumento do nível de endividamento. Além disso, a captação de recursos adicionais no período em questão foi relacionada às variáveis determinantes de estrutura de capital.

Pereira *et al.* (2021) testaram a relação entre o desempenho social corporativo (CSP) e desempenho financeiro corporativo (CFP) buscando entender se o *disclosure* social é uma variável moderadora da relação. A amostra foi composta por empresas que compõem o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) no período de 2010 a 2013. Os resultados apontam que existe uma relação positiva e significativa entre o CSP e o CFP, porém também foi identificado que quando os relatórios de sustentabilidade são divulgados, não há alteração na relação dessas variáveis.

Os autores descreveram os gastos decorrentes das internações para tratamento clínico de usuários diagnosticados com Covid-19 no Sistema Único de Saúde (SUS) entre fevereiro e dezembro de 2020. O estudo apontou que, no período analisado, houve 462.149 internações hospitalares no SUS – 4,9% delas para tratamento de usuários com coronavírus. O gasto total foi superior a 2,2 bilhões de reais, sendo 85% destinados a serviços hospitalares e 15% a serviços profissionais.

Oliveira *et al.* (2021) analisaram como o índice de sustentabilidade e a pandemia da Covid-19 impactaram as 494 empresas brasileiras listadas na [B]³ sobre o valor, o desempenho e o risco no período entre 2010-2020. As evidências mostraram que a adesão ao índice de sustentabilidade influenciou os resultados reduzidos do ROA, o ROE, o Preço sobre Valor Patrimonial da Ação, o *Market-to-Book*, o Beta e a volatilidade das empresas brasileiras. Quanto ao ano de 2020, devido à expansão d Covid-19, os resultados apresentaram uma redução de valor no desempenho contábil e na volatilidade das empresas brasileiras.

Braga e Souza (2021) verificaram se as empresas brasileiras abertas apresentaram diferenças significativas e se foram afetadas na tempestividade de seus relatórios financeiros após o início da pandemia. Os resultados da pesquisa indicaram que a pandemia e os níveis diferenciados de governança corporativa afetam as médias e influenciam negativamente na defasagem desses relatórios, ou seja, as empresas passaram a publicar mais rapidamente seus relatórios no período após o início da pandemia. Empresas em níveis diferenciados de governança apresentam seus relatórios de forma mais rápida, e o fato de essas terem um nível diferenciado de governança nesse período as ajudou a fornecer mais rapidamente seus relatórios, configurando assim uma maior qualidade informacional aos usuários.

Almeida e Costa (2021) investigaram o que motivou as empresas de capital aberto listadas na B3 a divulgarem em seus Formulários de Referência os relatórios de Fatores de Riscos relacionados à pandemia. Os resultados da investigação evidenciaram que as variáveis tamanho, auditoria e governança corporativa foram significativas para justificar as evidências de riscos

nos Formulários de Referência. O estudo apresentou também que 6,99% das firmas evidenciavam riscos relacionados a pandemias para o ano de 2019, o que mudou consideravelmente para os anos de 2020 e 2021, chegando a um percentual de 75,34%.

Costa, Pereira e de Lima (2021) analisaram os impactos da pandemia nos indicadores econômico e financeiro do setor de higiene e limpeza das empresas listadas na B3. O estudo demonstrou um aumento considerável da receita líquida de vendas, com a maximização da produção e vendas de itens essenciais neste momento: álcool em gel, sabonetes e higienizadores. Dessa forma, apesar das condições globais, as entidades desse setor não foram afetadas no desempenho financeiro.

Dortas (2021) testou o comportamento do consumidor no varejo supermercadista na cidade de Curitiba durante e após a pandemia de Covid-19. O estudo concluiu que parte significativa da população aderiu ao método de compras de forma remota, e que pretende manter o método após a pandemia. Os resultados mostraram os principais fatores que influenciam no comportamento dos consumidores nos supermercados online, explicitando aspectos como: preço, praticidade, prazo de entrega, frete, promoções, descontos e as necessidades dos consumidores.

Silva e Pontes (2021) analisaram se existe relação possível entre o desempenho ESG (*Environmental, Social and Governance*) e o desempenho financeiro das empresas. Foi utilizado dados secundários de 60 empresas listadas na B3 no período de 2012 a 2020. Ficou constatado que níveis de práticas sociais não determinam o desempenho financeiro das empresas, esse resultado foi encontrado pelos indicadores ROA, ROE e LPA. Foi identificado, por meio do LPA, que a governança corporativa possui relação positiva com o desempenho financeiro das empresas, sugerindo que maiores níveis de governança levam a melhores desempenhos financeiros. Já para a classificação ambiental, verificou-se uma relação negativa medida pelos indicadores ROA, ROE e LPA.

Silva Junior, Silva e Martins-Silva (2022) avaliaram o impacto que a pandemia do Covid-19 gerou dentro das companhias do setor de educação superior listadas no mercado de capitais brasileiro. Os resultados evidenciaram um número elevado de inadimplência de discentes das Instituições de Educação Superior (IES), o que impactou na queda de rentabilidade e no valor de mercado das companhias.

O estudo feito por Massoquetto *et al.* (2022) teve o objetivo de analisar o impacto da Covid-19 nos indicadores das empresas de consumo cíclicas listadas na B3, e evidencia que apesar da instabilidade mundial que a pandemia de Covid-19 ocasionou, as variáveis utilizadas no estudo para analisar o cenário dessas empresas, como o ROA, os índices de liquidez, endividamento e lucratividade, apresentaram certa estabilidade no período pré e durante a pandemia, tendo a receita e o nível de endividamento sofrido em certos períodos algumas variações. É entendido que o principal motivo para que essa estabilidade tenha ocorrido foi o fortalecimento e/ou adoção de um modelo de comercialização que fosse possível por meio do *e-commerce*, que se não fosse por conta do isolamento obrigatório que ocorreu na época, tal adaptação demoraria anos. O fato de que cada empresa se comportou de uma maneira diferente perante a essa adaptação também contribuiu para que os indicadores se mantivessem em estabilidade.

Além de impacto nos indicadores econômicos e financeiros, a chegada da Covid-19 também influenciou no gerenciamento de resultados. O estudo de Araújo e Rodrigues (2022), após a mensuração dos *accruals* discricionários, mostrou como a pandemia de Covid-19 teve valor negativo e foi relevante na prática do gerenciamento de resultados nas empresas não financeiras listadas na B3. Isso significa que o aumento de informações nesse período analisado que auxiliaram a tomada de decisão dos *stakeholders* influenciou de forma negativa no valor de *accruals* das empresas.

Santos (2022) analisou o comportamento dos indicadores econômicos e financeiros listados na [B]³ e identificou que as empresas tiveram aumento na capacidade financeira de pagamento de curto e longo prazo e, para conseguir uma melhor performance operacional, retiveram caixa. Para as empresas que emitiram IPO durante a pandemia, foi observado que o nível de imobilização do PL e dos recursos não recorrentes foram menores que das outras empresas de TI.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A amostra deste estudo é composta por todas as 55 empresas pertencentes aos setores econômicos de consumo não-cíclico e saúde disponíveis na [B]³. Nesse sentido, destaca-se que o setor de consumo não-cíclico possui 31 empresas, enquanto o setor da saúde possui 24 empresas. As empresas da amostra, e como estão subdivididas, estão representadas no Quadro 1. O estudo é quali-quantitativo, mais predominantemente qualitativo, pois a realidade observada nas empresas será representada por indicadores (RESWELL; CRESWELL 2021).

Quadro1: Composição da mostra

(Continua)

SETOR ECONÔMICO	SUBSETOR	SEGMENTO	
Consumo não cíclico	Agropecuária	Agricultura	
		3TENTOS	
		AGRIBRASIL	
		AGROGALAXY	
		ALIPERTI	
		BOA SAFRA	
		BRASILAGRO	
		POMIFRUTAS	
		RAIZEN	
		SLC AGRICOLA	
		TERRASANTAPA	
	Alimentos processados	Açúcar e álcool	
		JALLESMACHAD	
		RAIZEN ENERG	
		SAO MARTINHO	
		Carnes e derivados	
		BRF SA	
		EXCELSIOR	
		JBS	
		MARFRIG	
		MINERVA	
		MINUPAR	
		Alimentos diversos	
		CAMIL	
		J.MACEDO	
		JOSAPAR	
		M.DIASBRANCO	
		ODERICH	
		Bebidas	Cervejas e refrigerantes
		AMBEV S/A	
	Produtos de uso pessoal e de limpeza	Produtos de uso pessoal	
		GRUPO NATURA	
		Produtos de limpeza	
	BOMBRIL		
	Comércio e distribuição	Alimentos	
		ASSAI	
		CARREFOUR BR	
GRUPO MATEUS			
P.ACUCAR-CBD			

Quadro1: Composição da mostra

(Conclusão)

Saúde	Medicamentos e outros produtos	Medicamentos e outros produtos	
		BIOMM	
		NORTCQUIMICA	
			OUROFINO S/A
	Serviços médico - hospitalares, análises e diagnósticos	Serviços médico - hospitalares, análises e diagnósticos	
		ALLIAR	
		DASA	
		FLEURY	
		HAPVIDA	
		IHPARDINI	
		KORA SAUDE	
		MATER DEI	
		ODONTOPREV	
		ONCOCLINICAS	
		QUALICORP	
	REDE D OR		
	Equipamentos	Equipamentos	
		BAUMER	
		LIFEMED	
	Comércio e distribuição	Medicamentos e outros produtos	
		BLAU	
		D1000VFARMA	
		DIMED	
HYPERA			
PAGUE MENOS			
PROFARMA			
RAIADROGASIL			
VIVEO			

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da listagem disponível no site da [B]³

O período de análise do presente trabalho compreende os anos de 2018, 2019, 2020 e 2021, período que abrange anos de pré pandemia, no caso de 2018 e 2019, e de pandemia, 2020 e 2021. Além disso, este estudo tem caráter descritivo, pois envolve coleta, análise e interpretação dos dados. Assim, após observada a realidade de cada empresa, foi realizada a descrição do comportamento dos indicadores econômicos e financeiros coletados nas demonstrações contábeis das empresas supracitadas.

Para a análise dos dados, as informações coletadas através das demonstrações financeiras disponibilizadas pelas empresas dos setores analisados foram organizadas e tabuladas em formato de planilha. Os cálculos dos indicadores de liquidez, rentabilidade e endividamento foram realizados para cada empresa e para cada ano analisado. Para observar o comportamento desses indicadores, foram calculadas as variações percentuais ano a ano, para uma análise mais direta.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Análise dos resultados do setor de consumo não cíclico

Na Tabela 1, estão apresentados os resultados dos índices econômico-financeiros das empresas do setor de consumo não cíclico, considerando-se os períodos antes e durante a pandemia. Assim, analisando os indicadores de liquidez do setor de consumo não cíclico, foi possível observar uma queda no índice de liquidez corrente e liquidez seca entre o período anterior e durante a pandemia. Em média, considerando-se o período entre 2018 e 2019, as empresas do setor de consumo não cíclico obtiveram aproximadamente 1,52 e 1,14 nos indicadores de liquidez corrente e liquidez seca, respectivamente. Quanto ao período entre 2020 e 2021, os mesmos indicadores apresentaram uma média de aproximadamente 1,44 para liquidez corrente e 0,98 para liquidez seca. Isso significa que as entidades, em meio ao período da pandemia, tiveram uma redução no ativo circulante e no ativo circulante líquido em relação às obrigações de curto prazo. A tabela também representa uma diminuição na capacidade de pagamento em curto prazo das empresas brasileiras do setor de consumo não cíclico no período de 2020 e 2021.

Tabela 1 – Média dos indicadores econômicos e financeiros das empresas do setor de consumo não cíclico.

Índices		2018	2019	2020	2021
Liquidez	L.C	1,394125	1,650239	1,48015	1,40955
	L.S	1,021401	1,279455	1,07468	0,92312
	L.I	0,289663	0,345846	0,48069	0,4647
	L.G	0,859343	1,11083	0,93257	0,98334
Estrutura de capital	End.	0,79505	0,800041	0,79473	0,78216
	C.E	0,559397	0,528883	0,55279	0,57008
	I.P.L	0,325988	0,316222	0,84083	0,69724
	I.R.N. C	0,562901	0,517698	0,60439	0,62734
Rentabilidade	ROI	0,402896	0,410153	0,55921	0,57397
	Giro	1,341539	1,313496	1,15824	1,05693
	M.L	-0,02697	0,045182	0,27986	0,18536
	ROE	-0,69695	0,18715	0,26841	0,25858
	GAF	0,031684	0,009883	0,1246	0,15195

Nota: LC – liquidez corrente; LS – liquidez seca; LI – liquidez imediata; LG – liquidez geral; End. – endividamento; CE – composição do endividamento; IPL – imobilização do patrimônio líquido; IRNC – imobilização dos recursos não correntes; ROI – retorno sobre investimento; GA – giro do ativo; ML – margem líquida; ROE – retorno sobre o patrimônio líquido; GAF – alavancagem financeira

Fonte: Elaborada pelos autores

Os índices de liquidez imediata apresentaram diferenças durante o período analisado, tendo havido um aumento nas estatísticas durante o intervalo entre 2020 e 2021. Essa diferença representa um aumento da capacidade das entidades de cobrir as obrigações de curto prazo de forma imediata através das disponibilidades do ativo. Dessa forma, conclui-se que as empresas brasileiras de consumo não cíclico obtiveram, em seu patrimônio, um aumento do capital disponível, o que significa uma demanda maior por recursos à disposição para cobrir eventuais emergências financeiras.

Quanto à liquidez geral, a análise demonstrou que houve uma diminuição no indicador

durante o período da pandemia. Isso significa que os ativos circulante e não circulante reduziram em relação ao passivo circulante e não circulante. Dessa forma, entende-se que as entidades analisadas sofreram uma diminuição na capacidade de pagamento dos compromissos financeiros de curto e longo prazo durante 2020 e 2021. Em relação aos indicadores de estrutura de capital, houve variação das estatísticas durante os períodos analisados. O índice de endividamento teve uma leve redução durante o período de 2020 e 2021. A média para o período de 2018 e 2019 gira em torno de aproximadamente 0,79. Já em 2020 e 2021, os cálculos apresentaram uma média de aproximadamente 0,78. De forma geral, isso representa uma redução no quadro geral de obrigações de curto a longo prazo. Dessa forma, compreende-se que houve uma leve redução da participação de capital de terceiros no patrimônio das entidades.

Os índices de composição de endividamento, de imobilização do patrimônio líquido e de imobilização dos recursos não correntes sinalizaram um aumento durante o período de 2020 e 2021. Isso representa uma concentração maior na dependência de capitais de terceiros a curto prazo e menos recursos próprios disponíveis para financiar o ativo circulante, conforme assevera Avelar *et al.* (2020)

No tocante aos indicadores de rentabilidade, a análise apresentou variações entre o período antecessor e durante a pandemia. Houve um aumento nos índices de retorno sobre investimento (ROI), de margem líquida, de retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) e de alavancagem financeira (GAF) durante 2020 e 2021, o que vai contra os resultados obtidos no estudo de Oliveira *et al.* (2021). Dessa forma, para os acionistas, as empresas de consumo não cíclico geraram um retorno maior durante o período da Covid-19. Quanto ao giro do ativo, houve uma redução no decorrer de 2020 e 2021, o que representa uma redução no faturamento das entidades. Contudo, em um amplo panorama, entende-se que as entidades conseguiram utilizar os recursos de terceiros de forma positiva, maximizando seus resultados durante o período da pandemia, o que vai ao encontro dos resultados que Massoquetto *et al.* (2022) encontraram ao estudar o setor de consumo cíclico.

Análise dos resultados do setor de saúde

São apresentados, na Tabela 2, os resultados dos índices econômicos-financeiros das empresas do setor de saúde, considerando-se o período compreendido entre 2018 a 2021.

Tabela 2 – Média dos indicadores econômicos e financeiros das empresas do setor da saúde.

Índices		2018	2019	2020	2021
Liquidez	L.C	1,792188	1,612772	2,006398	2,179216
	L.S	1,374516	1,22396	1,577676	1,719094
	L.I	0,232795	0,219026	0,416528	0,417296
	L.G	1,301949	1,060588	0,982228	1,059142
Estrutura de Capital	End.	0,504398	0,530345	0,610108	0,568259
	C.E	0,51354	0,483427	0,447467	0,44049
	I.P.L	0,529585	0,497956	0,476432	0,438809
	I.R.N.C	0,623194	0,622275	0,560439	0,611931
Rentabilidade	ROI	0,60786	0,566484	0,710929	0,638186
	Giro	0,901162	0,811161	0,757179	0,744933
	M.L	-1,04989	-0,17824	0,025934	0,055979
	ROE	0,148632	0,128492	0,141818	0,109997
	GAF	0,21287	0,007946	0,168788	0,162971

Nota: LC – liquidez corrente; LS – liquidez seca; LI – liquidez imediata; LG – liquidez geral; End. – endividamento; CE – composição do endividamento; IPL – imobilização do patrimônio líquido; IRNC – imobilização dos recursos não correntes; ROI – retorno sobre investimento; GA – giro do ativo; ML – margem líquida; ROE – retorno sobre o patrimônio líquido; GAF – alavancagem financeira

Fonte: Elaborada pelos autores

Os indicadores de liquidez do setor de saúde apresentaram uma variação significativa entre os índices durante o período de 2018 a 2021. Os indicadores de liquidez corrente, liquidez seca e liquidez imediata demonstraram um aumento entre 2020 e 2021 em comparação a 2018 e 2019. Isso significa que as entidades, em meio ao período da pandemia de Covid-19, tiveram um aumento no seu ativo circulante e no ativo circulante líquido em relação às obrigações de curto prazo, bem como um aumento da capacidade de cobrir as obrigações de curto prazo de forma imediata através das disponibilidades do ativo.

Quanto à liquidez geral, os resultados apontaram para uma redução nos índices durante o período da pandemia. Isso representa que os ativos circulante e não circulante reduziram em relação ao passivo circulante e não circulante. De forma geral, pode-se entender que as empresas brasileiras da área de saúde pesquisadas tiveram, em seu patrimônio, um aumento do capital disponível e da capacidade de pagamento no curto prazo no período de 2020 e 2021. O período de pandemia proporcionou, para as entidades, uma disponibilidade maior de recursos para cobrir emergências financeiras, bem como uma estabilidade para cumprir as obrigações em curto prazo, como assevera Pereira e Lima (2021).

Os indicadores de estrutura de capital obtiveram variações nos resultados durante os períodos analisados. O índice de endividamento obteve um aumento no decorrer do período de 2020 e 2021. A média para o período de 2018 e 2019 gira em torno de aproximadamente 0,51 j. J em 2021 e 2021, os cálculos apresentaram uma média de aproximadamente 0,58. De forma geral, isso representa um aumento no quadro geral de obrigações de curto a longo prazo.

O índice de composição de endividamento, imobilização do patrimônio líquido e imobilização dos recursos não correntes sinalizaram uma redução durante o período de 2020 e 2021. Isso representa uma concentração menor na dependência de capitais de terceiros no curto prazo e mais recursos próprios disponíveis para financiar o ativo circulante.

Dessa forma, pode-se entender quanto aos resultados dos índices de estrutura de capital, que as empresas brasileiras do setor de saúde obtiveram um aumento do endividamento geral durante o período da pandemia. Contudo, os resultados sinalizaram que, em 2020 e 2021, as empresas tiveram uma diminuição significativa da dependência do uso de recursos de terceiros

para financiar suas atividades a curto prazo, o que corrobora os argumentos apresentados por Costa, Pereira e Lima (2021).

Em relação aos indicadores de rentabilidade, a análise apresentou variações entre o período antecessor e durante a pandemia. Houve um aumento nos índices de retorno sobre investimento (ROI), margem líquida e alavancagem financeira (GAF) durante 2020 e 2021. Quanto ao retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), as médias apresentaram leve redução no índice durante a pandemia, indo de acordo com o que Oliveira *et al.* (2021) apontaram sobre o aumento do ROI e ROE. Dessa forma, de forma geral, pode-se entender que para os acionistas, as empresas brasileiras de Saúde obtiveram um retorno maior durante o período da pandemia de Covid-19. O giro do ativo sofreu uma redução no decorrer de 2020 e 2021, o que representa uma redução no faturamento das entidades. Contudo, entende-se que as entidades conseguiram utilizar os recursos de terceiros de forma positiva, tendo seus resultados maximizados durante o período de 2020 e 2021, o que vai de acordo com Costa, Pereira e de Lima (2021) cujo estudo demonstrou que a receita líquida aumentou com o início da pandemia.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar se os índices econômicos e financeiros das empresas do setor de consumo não cíclicos e das empresas do setor de saúde, no Brasil, foram afetados pela pandemia provocada pela Covid-19 em relação à liquidez, estrutura de capital e rentabilidade.

Em relação ao setor de consumo não cíclico os indicadores de liquidez, com exceção à liquidez imediata, apresentaram reduções durante o período da pandemia. Isso significa que as entidades - em meio ao período da Covid-19 - tiveram uma redução no seu ativo em relação às obrigações de curto e longo prazo, bem como uma demanda maior por recursos à disposição para cobrir eventuais emergências financeiras. Esse quadro também representa uma diminuição na capacidade de pagamento das empresas brasileiras do setor de Consumo Não Cíclico, no período de 2020 a 2021.

Quanto aos indicadores de estrutura de capital, os índices apresentaram um aumento durante o intervalo de 2020 e 2021 – com exceção do índice de endividamento que apresentou uma leve redução dentre o período. Isso representa uma concentração maior na dependência de capitais de terceiros a curto prazo e menos recursos próprios disponíveis para financiar o ativo circulante.

Os indicadores de rentabilidade identificaram-se um aumento nos índices de ROI, de margem líquida, de ROE e de GAF durante 2020 e 2021. Quanto ao giro do ativo, houve uma redução no decorrer de 2020 e 2021, o que representa uma redução no faturamento das entidades. Contudo, num amplo panorama, entende-se que as entidades conseguiram utilizar os recursos de terceiros de forma positiva, maximizando seus resultados durante o período da pandemia. Além disso, para os acionistas, as empresas de consumo não cíclico geraram um retorno maior durante o período da Covid-19.

No tocante ao setor de saúde, os indicadores de liquidez, com exceção da liquidez geral, obtiveram um aumento nas estatísticas entre 2020 e 2021 comparado a 2018 e 2019. Isso significa que as entidades, em meio ao período da pandemia de Covid-19, obtiveram um aumento do capital disponível e da capacidade de pagamento no curto prazo no período de 2020 e 2021. O período pandêmico proporcionou, para as entidades pesquisadas, o desenvolvimento de uma maior disponibilidade de recursos para cobrir emergências financeiras, assim como uma maior estabilidade para cumprir obrigações de curto prazo.

Quanto aos indicadores de estrutura de capital, os índices de composição de

endividamento, imobilização do patrimônio líquido e imobilização dos recursos não correntes sinalizaram uma redução durante o período de 2020 e 2021. Já o índice de endividamento, encontrou-se um aumento durante o intervalo da pandemia. Dessa forma, entende-se que as entidades obtiveram um aumento do endividamento geral durante o período da pandemia. Além disso, os resultados sinalizaram que, em 2020 e 2021, as empresas de saúde diminuíram significativamente a dependência do uso de recursos de terceiros para financiar suas atividades a curto prazo.

Por fim, em relação aos indicadores de rentabilidade, as empresas de Saúde obtiveram um aumento nos índices de ROI, margem líquida e GAF e uma leve redução no ROE durante 2020 e 2021. O giro do ativo sofreu uma redução no decorrer da pandemia, o que representa uma redução no faturamento das entidades. De forma geral, pode-se entender que, para os acionistas, as empresas brasileiras de saúde obtiveram um retorno maior durante o período da pandemia de Covid-19.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, K. R. A.; RODRIGUES, J. M. Qualidade da informação contábil: uma investigação quanto ao gerenciamento de resultados em tempos de Covid-19. *In*: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CONTABILIDADE, 11, São Paulo, 2022. **Anais** [...] São Paulo, 2022.

ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços**: um enfoque econômico financeiro. São Paulo: Atlas, 2001.

AVELAR, E. A.; FERREIRA, P. O.; SILVA, B. N. E. R.; FERREIRA, C. O. Efeitos da pandemia de Covid-19 sobre a sustentabilidade econômica-financeira de empresas brasileiras. **Revista Gestão Organizacional**, v. 14, n. 1, p. 131-152, 2021.

BRAGA, J. G. S.; SOUZA, P. V. S. Efeitos da pandemia de Covid-19 na tempestividade dos relatórios financeiros de companhias Abertas brasileiras. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE IN ACCOUNTING, 21, São Paulo, 2021. **Anais** [...] São Paulo, 2021. Disponível em: <https://congressosp.fipecafi.org/anais/21UspInternational/ArtigosDownload/3293.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CHAKRABORTY, I.; MAITY, P. Covid-19 outbreak: Mitigation, effects on society, global environment and prevention. **Science of the Total Environment**. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32335410/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

COSTA, L. B.; PEREIRA, I. F.; DE LIMA, J. A. Reflexos da pandemia da Covid- 19 nos indicadores econômicos-financeiros de empresas do setor de produtos de higiene e limpeza listadas na B3. **Revista Mineira de Contabilidade**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 10–22, 2021. Disponível em: 10.51320/rmc.v22i2.1266. Disponível em: <https://revista.crcmg.org.br/rmc/article/view/1266>. Acesso em: 18 jan. 2023.

DORTAS, C. V. Comportamento do consumidor no varejo supermercadista na cidade de Curitiba durante e pós- pandemia de Covid-19. *In*: CONGRESSO DE ADMINISTRAÇÃO, SOCIEDADE E INOVAÇÃO (EVENTO ON-LINE), 13, Rio e Janeiro, 2021. **Anais** [...] Rio der Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/casi2020/329465-COMPORTAMENTO-DO-CONSUMIDOR-NO-VAREJO-SUPERMERCADISTA-NA->

CIDADE-DE-CURITIBA-DURANTE-E-POS--PANDEMIA-DE-COVID-19. Acesso em: 18 jan. 2023.

FORBES. Balanço 2021: setor de saúde acumula perdas mas movimentou mais de R\$ 18 bi em M&As. **FORBES**, 20 dez. 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/12/balanco-2021-setor-de-saude-acumula-perdas-mas-movimentou-mais-de-r-18-bi-em-mas/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL, FMI. **Relatório Anual 2020** – um ano como nenhum outro. New York, 2021. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/ar/2020/eng/downloads/imf-annual-report-2020-pt.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MASSOQUETTO, K.; SOUZA, L. P.; GARCIA, B. E. S.; SANTOS, D. C. Quais impactos a Covid-19 trouxe (ou não) nos indicadores econômicos e financeiros nas empresas de consumo cíclico listadas na B3? *In*: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CONTABILIDADE, 11, São Paulo, 2022. **Anais [...]** São Paulo, 2022.

OLIVEIRA, T.; JESUKA, D.; PEIXOTO, F. M.; TIZZIOTTI, C. P. P. A sustentabilidade e a Covid-19 afetam o desempenho, o valor e o risco de firmas no Brasil? **Advances in Scientific and Applied Accounting**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 227-239, maio/ago. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, OMS. **Coronavirus disease 2019 (Covid-19) situation report-51**. 2021. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista/article/view/3424>. Acesso em: 08 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO, OMC. Comércio deve despencar à medida que a pandemia de Covid-19 derruba a economia global. **WTO.ORG**, 8 abr. 2020. Disponível em: https://www.wto.org/english/news_e/pres20_e/pr855_e.htm. Acesso em: 18 jan. 2023.

PALMIERI, A. R. T. L.; AMBROZINI, M. A. Impacto da abertura de capital no custo da dívida das empresas. **Contabilidade Vista & Revista**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 124-142, 2016. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista/article/view/3424>. Acesso em: 08 out. 2022.

PEARCE II, J. A.; MICHAEL, S. C. Strategies to prevent economic recessions from causing business failure. **Business Horizons**, v. 49, n. 3, p. 201-209, 2006.

PEREIRA, A. F. A.; STOCKER, F.; MASCENA, K. M. C.; BOAVENTURA, J. M. G. Desempenho Social e Desempenho Financeiro em empresas brasileiras: análise da influência da disclosure. **Brazilian Business Review**, v. 17, n. 5, p. 540-558, 2021.

QUEIROZ, M. M.; IVANOV, D.; DOLGUI, A.; WAMBA, S. F. Impacts of epidemic outbreaks on supply chains: mapping a research agenda amid the Covid-19 pandemic through a structured literature review. **Ann Oper Res**, v. 319, n. 1, p. 1159-1196, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32836615/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

RESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo**

e isto. Porto Alegre: Grupo A, 2021.

SANTOS, T. C. L. **Enquanto uns choram, outros vendem lenços**: indicadores econômicos-financeiros das empresas do setor de Tecnologia da Informação. 2022. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A.; LEONARDI, A.; MARINHO, M. M. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 34, n. 100, p. 167-188, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/178766>. Acesso em: 26 jan. 2023.

SILVA JUNIOR, A.; SILVA, V. C.; MARTINS-SILVA, P. O. Impactos econômicos-financeiros da pandemia de Covid-19 no setor de Educação Superior na B3. **Contabilidade Vista & Revista**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 144-169, 2022. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista/article/view/6642>. Acesso em: 18 jan. 2023.

SILVA, G. *et al.* A influência da pandemia Covid-19 na volatilidade dos índices de mercado de ações (Ibovespa): Aplicação do modelo Markov Switching Autoregressivo. **Brazilian Journal of Business**, v. 3, n. 3, 2021.

SILVA, M. R. A.; PONTES, T. T. S. ESG e o desempenho financeiro: evidências das empresas listadas na B3. *In*: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO DA FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 24, São Paulo, 2021. **Anais** [...] São Paulo, 2021.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT, UNCTAD. **Impact of the pandemic on trade and development: transitioning to a new normal**. Genebra: 2020.